

REDES SOCIAIS E FEMINISMO O CAMPO DISCURSIVO DE ATIVISMO FEMINISTA JUVENIL NO TUMBLR

Quesia Silva do Carmo¹
Edvaldo Souza Couto²

Resumo: As Redes Sociais na Internet são também espaços para questões políticas e defesas de causas diversas, a exemplo do feminismo. Nesse contexto, o objetivo do artigo é analisar os principais temas relativos ao feminismo compartilhados no site de rede social Tumblr a fim de compreender como esse campo discursivo de ação tem sido assimilado em rede. A metodologia utilizada foi a qualitativa, descritiva e analítica, a partir da observação de 10 blogs do Tumblr autodeclarados feministas. Os resultados evidenciam uma predominância do que os membros chamam de feminismo interseccional. O estudo conclui que os jovens estudados têm se preocupado com questões sociais e políticas e buscam redes de solidariedade em relação às mais variadas causas sociais.

Palavras-chave: Ativismo; Cibercultura; Feminismo; Tumblr; Tecnologia Educacional.

Social networks and feminism

The feminist active discursive field on Tumblr

Abstract: The Social Networks on the Internet are also spaces for political questions and defenses of various causes, as feminism. Considering this context this study aims to identify and analyze the predominant topics concerning feminism that are shared on Tumblr, in order to understand how this active discursive field is being assimilated online. The methodology used was qualitative, descriptive and analytical, observing and remarking 10 feminist self-identified blogs. The results evidence a predominance of what members call intersectional feminism. The conclusion is that, unlike most people think, the millenials are concerned about social and political issues. Social networks are educative spaces where we can learn and teach, generating a global flux of solidarity and awareness about social issues.

Keywords: Feminism; Social Networks; Educational Technology

¹ Universidade Federal da Bahia. (quesiadocarmo@gmail.com)

² Universidade Federal da Bahia. (edvaldosouzacouto@gmail.com)

INTRODUÇÃO



Com a ascensão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), nas últimas décadas, surge também um incremento das Redes Sociais na Internet (RSI), que vem ganhando um espaço fundamental no ativismo cotidiano das pessoas conectadas. Segundo relatório da agência global *We Are Social* que trabalha com monitoramento de mídias sociais, 46% da população mundial tem acesso à internet e 31% utiliza as RSI. Embora a distribuição desses números seja desigual entre os continentes, de acordo com a pesquisa, conclui-se que é raro encontrar uma pessoa com acesso à internet que não possua ao menos um perfil em alguma rede social digital.

As redes sociais mais do que simples meios de publicização e exaltação do eu têm sido espaços propícios para o florescimento de movimentos sociais, sendo o feminismo um dos maiores exemplos (COUTO, 2015). Isso posto, o objetivo do artigo é analisar os principais temas e conceitos relativos ao feminismo compartilhados na rede social Tumblr, a fim de compreender como esse campo discursivo de ativismo tem sido assimilado e disseminado na rede.

A delimitação do Tumblr como objeto empírico de análise se deu pelo fato de nele haver uma produção considerável de publicações sobre causas sociais, incluindo narrativas feministas, fazendo com que seja conhecido como um site de rede social de ativistas. Como há bastante produção e circulação de conteúdo entre os mais diferentes sites de rede social, a escolha se deu por considerá-lo parte de um contexto maior onde diversas redes interligadas se tornam espaço de militância feminista. Dessa maneira, compreender como o feminismo se dá no Tumblr é compreender também, em parte, como ele ocorre nas redes sociais como um todo.

Desenvolvido no campo da educação, esse estudo considera que com a emergência do ciberespaço, e o trânsito constante entre online e offline, pode-se estar presente em diversos lugares ao mesmo tempo através da internet. Nesse mundo envolto pelas TIC e pelo *always on* as mudanças são cada vez mais incisivas, e cresce o número de pedagogias culturais para corresponder às novas necessidades (CAMOZZATO e COSTA, 2013).

Essa multiplicação de espaços e tempos na contemporaneidade altera o modo como os sujeitos são constituídos e como se percebem. Ao considerar a pedagogia como o conjunto de saberes e práticas postas em funcionamento para produzir determinadas formas de ser sujeito, percebemos que no mundo

contemporâneo existem múltiplas pedagogias. Os espaços de aprendizagem também passam a ser múltiplos e não apenas o ambiente escolar, pois, passa a ser considerado dispositivo pedagógico qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo (LARROSA, 1994).

Com essa expansão do conceito de pedagogia e espaços de aprendizagem, os artefatos culturais midiáticos como rádio, jornal, televisão, cinema e, claro, as redes sociais, são considerados criadores e disseminadores de pedagogias específicas, chamadas aqui de pedagogias culturais. Isso acontece porque a mídia não é apenas uma veiculadora de informação, ela é também produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo desse jeito uma função nitidamente pedagógica.

A metodologia utilizada foi qualitativa, descritiva e analítica, a partir da observação das publicações de 10 blogs do Tumblr autodeclarados feministas. O principal argumento que desenvolvemos é que no Tumblr existe uma predominância do que os membros chamam de feminismo interseccional, demonstrando que suas preocupações vão para além da categoria de gênero e perpassam por questões outras, como raça e sexualidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida por meio da metodologia qualitativa, de cunho descritiva e analítica (MINAYO, 2011). Essa opção metodológica surge a partir do olhar sobre as redes sociais enquanto artefatos culturais, onde o online e o offline se misturam e ambos estão incorporados à vida cotidiana (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011), dessa forma, uma pesquisa qualitativa seria capaz de captar e analisar as nuances desse contexto cultural. A princípio foi feito um levantamento bibliográfico para a fundamentação teórica e em seguida uma análise qualitativa das publicações.

Para a observação dos blogs foi criada uma conta pessoal no Tumblr, a fim de fazer parte desse espaço e compreender a sua dinâmica. Após a criação, foi feita uma pesquisa na caixa de busca utilizando a palavra “feminismo” sendo selecionados os cem primeiros blogs a aparecer nos resultados. Mesmo pesquisando por uma palavra em português, muitos dos resultados eram na língua inglesa, que hoje em dia pode ser considerada a língua franca universal.



Por isso, foram analisados blogs com postagens tanto em português quanto em inglês, e por vezes, em espanhol. Em seguida, foram excluídos da seleção os blogs desatualizados ou que não publicavam nada há mais de um mês. Foi utilizado o critério de assiduidade, considerando apenas os blogs que possuíam no mínimo vinte publicações por mês, chegando ao número final de dez blogs.

A observação durou o período de um mês, em que se separou as publicações compartilhadas em categorias que correspondiam a conceitos da gramática discursiva feminista ou a temas comuns do campo. Tais conceitos e/ou temas poderiam aparecer explicitamente no texto como também serem subentendidos ou implícitos. Também ocorreu de uma publicação se enquadrar em duas ou mais categorias. As cinco categorias mais recorrentes nas postagens foram: *LGBT*, *racismo*, *misoginia*, *cultura do estupro* e *representatividade*, tendo o artigo se concentrado em suas análises.

Ao analisar essas narrativas feministas presentes no Tumblr, seus conceitos, temas e categorias mais populares, podemos ter uma compreensão sobre quais discursos e ideias estão chegando mais facilmente a quem está conectado.

O TUMBLR

As RSI se encontram no que Pierre Lévy (1999) chama de ciberespaço, um espaço de interação e comunicação entre as pessoas, intermediado pela interconexão das redes de computadores, no qual as informações comunicadas são de natureza digital e as relações desembocam no virtual. Atualmente essa definição clássica sofre algumas modificações com o surgimento dos *smartphones* e *tablets* que também permitem o acesso à internet, sendo esta não mais uma exclusividade dos computadores de mesa - também conhecidos como *desktops*.

Com o crescimento da rede no ciberespaço surge um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, atitudes, de modos de pensamento e valores entendido como cibercultura. Esse movimento social e pedagógico é um campo fértil para inovações e o surgimento de gêneros artísticos e textuais que modificam as relações com o saber e suscitam as formulações de diferentes práticas educacionais. O ciberespaço envolve toda uma infraestrutura das redes de telecomunicações composta por cabo, fios, computadores assim como as

informações e os seres humanos que fazem uso desta tecnologia. Entretanto, o termo se popularizou praticamente como sinônimo de internet.

A partir das RSI e das narrativas nelas contidas, compartilhamos e recebemos informações, e indo mais além: comentamos, concordamos, discordamos, debatemos, nos educamos e, assim, formamos uma inteligência coletiva, que trata-se de “uma Inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 2003, p. 28).

Nesse complexo contexto surgem os blogs e os microblogs, sendo os blogs um dos fatores primordiais para a ascensão da Web 2.0 que é “a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo” (PRIMO, 2007, p. 2). Isso ocorre porque com os blogs cada usuário da internet pode criar uma página personalizada para publicar o conteúdo que bem entender, rompendo com a dinâmica anterior, da web 1.0, que consistia apenas em recepção de informação via grandes canais de comunicação.

Seguindo uma lógica similar a dos blogs tradicionais, surge em 2006, o fenômeno dos microblogs, sendo o exemplo de maior sucesso desse gênero o Twitter. Os microblogs partem da ideia de um blog, mas apresentam como singularidade o fato de serem adaptados para postagens de tamanho reduzido, a fim de que haja uma maior facilidade de integração com outras ferramentas digitais, como celulares e outros dispositivos móveis (ZAGO, 2008, p. 6)

Criado em 2007 por David Karp, atualmente composto por 329,9 milhões de blogs, e disponível em 17 idiomas, o Tumblr é um exemplo de microblog que se tornou com o tempo uma comunidade possuidora de culturas particulares. Por ser um microblog o Tumblr é um híbrido de blog e rede social. Os blogs tradicionais como o Blogspot possuem conteúdos de alta qualidade, porém pouca interação entre seus membros. Enquanto redes sociais como o Facebook possuem grande índice de interação, porém conteúdos de menor qualidade em comparação à blogosfera. Já os microblogs possuem serviços que estão na divisa entre os blogs tradicionais e as redes sociais de internet, tendo tanto qualidade de conteúdo quanto interações sociais em nível intermediário (CHANG et al, 2014).

No Tumblr, assim como no Twitter, não é necessário haver uma associação mútua entre membros para que tenham acesso um ao blog do outro.



Um membro pode seguir quem quiser sem precisar de autorização prévia e vice-versa. Os laços são, portanto, constituídos a partir da identificação com o que é publicado e não necessariamente a partir de relações anteriores ou offline com o dono ou dona do blog.

A linha do tempo do Tumblr é bastante interativa, onde pode-se ver o conteúdo publicado pelos blogs seguidos à medida que se desce a página, ao mesmo tempo que a própria rede sugere blogs a partir dos interesses detectados. Além do mais, é mostrado um radar com publicações populares fora do círculo de blogs seguidos. Dessa forma o Tumblr mantém seus membros sempre atualizados de possíveis interesses e também do que anda sendo compartilhado em toda a rede.

Enquanto comunidade, os membros do Tumblr criam tendências a todo momento e possuem seu próprio modo de ser e compartilhar no ciberespaço. Um exemplo disso é o uso dos GIFs, amplamente compartilhados e valorizados no Tumblr, como destacam Hillman, Procyk e Neustaedter (2014) em seu estudo sobre a cultura e as comunidades presentes nessa rede. Eles afirmam que o uso massivo de GIFs é uma característica chave do Tumblr, e que para entender a cultura do Tumblr é necessário entender o papel exercido pelos GIFs, vídeos de poucos segundos sobre variados temas, amplamente compartilhados.

Percebe-se então que no Tumblr existe uma cultura visual muito forte e muito própria e, nessa cultura, se faz comum o engajamento e preocupação para com questões sociais, principalmente por parte dos jovens. Devido a esse engajamento por parte de seus membros, o Tumblr foi escolhido como lócus de estudo para entender o ativismo por meio de discursos intitulados feministas em rede, e como eles tem sido assimilados e disseminados. Vivemos em uma sociedade que define os papéis de gênero e exerce violências contra as mulheres. Tendo isso em vista, se faz necessário entender como o feminismo, enquanto teoria que busca criticar e combater as desigualdades de gênero, têm chegado às mulheres que estão nessa rede social.

Entendendo também que estudos e discussões de gênero não fazem parte do currículo escolar formal e ainda são tabu em diversas famílias, as redes sociais são vistas aqui como artefatos culturais. Como tais, elas carregam consigo pedagogias culturais, produzindo valores e saberes que regulam condutas e modos de ser (SABAT, 2001), forjando identidades em quem as consome e nelas estão imersos.



O CAMPO DISCURSIVO DE AÇÃO FEMINISTA NO TUMBLR

O feminismo em rede é entendido aqui como um campo discursivo de ação que, segundo Sonia Alvarez (2014), se articula através de redes político-comunicativas. Essas redes são formadas por teias de pessoas, discursos, práticas e ideias e são responsáveis por conectar indivíduos, organizações não governamentais, agrupamentos formais ou informais situados nas mais diversas instâncias sociais e políticas. Esses campos se alinham discursivamente a partir de uma gramática política adotada pelos seus membros e que passam a fazer parte de suas identidades.

Essas redes ajudam a desenvolver diferentes modos de ser e organizar a vida de milhares de pessoas. Os usos intensivos das redes estruturam a sociedade contemporânea, possibilitam percepções e atuações políticas por meio das conexões digitais. De muitas maneiras os usos são, podem e devem ser re-politizadas, pois é próprio desses ambientes a contínua e progressiva remixagem das ideias e dos comportamentos. Esse é um aprendizado amplo, dinâmico, aberto, compartilhado que pode contribuir para ampliar a consciência crítica dos sujeitos. Militâncias passam a ser também desenvolvidas nesses ambientes porque eles favorecem a troca mais rápida e intensa das ideias, mobilizam rapidamente e com baixo custo um número elevado de pessoas. No ciberespaço, que é o nosso espaço de pessoas conectadas, as diversas experiências se articulam e se multiplicam (HAN, 2018).

Para entender esse discurso foi feita uma observação de um mês em 10 blogs auto-intitulados feministas no Tumblr. Foi empreendida uma análise dos dados colhidos separando-os em temáticas que poderiam estar explícitos ou implícitos nas publicações. Essas temáticas se transformaram em categorias. Ao fim da análise havia 35 categorias construídas a partir de um universo de 306 postagens, e que podem ser vistas na nuvem de palavras abaixo, cujos tamanhos estão relacionados à quantidade de vezes que aparecem.

Figura 1 - Nuvem de palavras.



Fonte: os autores

As cinco categorias mais frequentes foram respectivamente: *LGBT*, *racismo*, *misoginia*, *cultura do estupro* e *representatividade*. O fato das duas categorias que mais apareceram serem *LGBT* e *racismo*, demonstra que as principais preocupações do grupo vão para além do que concerne estritamente às questões de gênero. Esse resultado faz sentido quando quatro dos dez blogs se definem publicamente enquanto interseccionais em seu título ou na seção *about me*, e também, quando *interseccionalidade* aparece em décimo lugar em uma lista de 35 categorias.

Segundo Collins (2000, p. 18. Tradução nossa),

Interseccionalidade se refere a particulares formas de interseccionalizar opressões, por exemplo, interseções de raça e gênero, ou de sexualidade e nação. Paradigmas interseccionais nos fazem lembrar que a opressão não pode ser reduzida a um

único tipo fundamental, e que opressões trabalham juntas na produção de injustiças.



Apesar de já aparecer em trabalhos de feministas negras nos anos 70 como bell hooks, Audre Lorde e Angela Davis, o conceito de interseccionalidade é introduzido ao debate feminista como tal pela professora de Direito americana Kimberlé Crenshaw, após passar pela graduação na Universidade Cornell, observando que categorias importantes como raça e gênero eram tratadas separadamente (SMITH, 2013). Essas abordagens que não se interseccionavam incomodavam bastante Crenshaw (1989) por ser uma mulher negra e sofrer racismo e machismo simultaneamente.

Segundo Crenshaw (1989), quando uma mulher negra sofre discriminação ou violência não é possível separar até que ponto elas são motivadas pela raça ou pelo gênero, estando ambos interligados. A mulher negra não se via representada nem no movimento negro, que considerava apenas a experiência masculina de racismo; nem no feminismo, em que o debate parecia se centrar sobre a violência sofrida pela mulher branca.

O conceito de interseccionalidade serve então de contraponto à noção de uma *womanhood*, em que todas as mulheres experienciam a violência de gênero da mesma forma. Esse conceito é deslegitimado quando pensamos que mulheres negras e brancas, ricas e pobres, heterossexuais e lésbicas, latinas e europeias, sofrem opressões distintas, ainda que ligadas pelo fato de serem mulheres. É para identificar e combater essas diferentes nuances que a interseccionalidade se faz útil. Dentre as publicações que tratam do chamado feminismo interseccional observadas, destacam-se uma tirinha e o *gifset* de um vídeo.

Na tirinha existem duas personagens, uma mulher negra e uma branca. A negra fala sobre como é difícil ser negra e lésbica e a branca fala sobre como sua vida é difícil também, ainda mais por ser branca. Em um momento a personagem negra diz, “Feminismo interseccional é importante”, e a branca responde “Feminismo é feminismo. TUDO é importante”. No texto de descrição da imagem a pessoa que o publicou diz: “Algumas mulheres brancas estão furiosas com o feminismo interseccional da mesma forma que homens ficam furiosos quando algo de extrema importância para alguém tem pouco ou nada a ver com eles”.

Já no *gifset* extraído de um vídeo a poeta Rachel Wiley fala sobre as diferenças entre o que ela chama de feminismo branco e feminismo



interseccional. Segundo ela, o feminismo interseccional é o verdadeiro feminismo. E diz, no GIF que “o ‘feminismo branco’ jura que abrirá as portas da igualdade e deixará nós todas entrarmos, se simplesmente as levantarmos para passar pela janela em nossas costas”.

Ambas narrativas demonstram uma hostilidade à figura da feminista branca ou do feminismo branco. Essa concepção de feminismo surge a partir da crítica de bell hooks (1984) à Betty Friedman (1971) quando fala sobre o *problema sem nome* vivenciado por donas de casa americanas de classe média, que se viam aprisionadas e entediadas dentro de seus lares tendo que cuidar de seus filhos e maridos sem terem direito a uma carreira.

Apesar da importância do trabalho de Friedman (1971) para o impulsionamento da chamada segunda onda feminista ela ignora que mulheres não-brancas e brancas pobres já trabalhavam (HOOKS, 1984). Friedman acabava por homogeneizar a opressão vivida pelas mulheres que, apesar de terem aspectos comuns, se diferenciam entre si. No fim das contas, o então chamado feminismo branco, colocava as pautas das mulheres brancas de classe média no centro de suas reivindicações, e as demais nas margens.

Já em relação à sexualidade, ela entra nas análises interseccionais de gênero a partir do momento em que os movimentos de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais passam a reconhecer o heterossexismo como um sistema de poder (COLLINS, 2000). Nesse sistema, a heterossexualidade faz parte da norma imposta a todos, assim, a sexualidade passa a ser vista não só sob o ponto de vista biológico, mas também social, cultural. Nesse contexto, o heterossexismo prevê a crença na superioridade de uma forma de expressão sexual sobre outra, havendo a partir disso relações de dominação (COLLINS, 2000).

Isso explica a predominância da categoria *LGBT* nas publicações analisadas. Para separar essa categoria consideramos publicações sobre homofobia, bifobia, lesbofobia e transfobia, assim como assuntos relacionados à transsexualidade no geral, que se faziam bastante populares. Diversas eram as publicações envolvendo denúncias, relatos, publicidades, cenas de filmes ou séries e artes gráficas que tinham relação com o universo LGBT. Também eram compartilhadas imagens de apoio aos LGBT e de campanhas contra LGBTfobia.

Porém, percebeu-se uma predominância dentro dessa categoria de publicações sobre homossexualidade masculina, estando seu protagonismo no homem gay, transformando a mulher lésbica em mera coadjuvante. Esse tipo de



situação é preocupante considerando que o feminismo deveria estar focado em mulheres. Nota-se através disso que mesmo dentro de ambientes feministas as mulheres lésbicas ainda são, de certo modo, invisibilizadas, estando os holofotes da luta LGBT ainda nos homens gays.

A predominância de uma perspectiva interseccional nas narrativas encontradas no Tumblr pode ser relacionada com os resultados da pesquisa de Carolina Ferreira (2015) sobre a página *Blogueiras Feministas*, bastante influente no cenário feminista brasileiro e que afirmam atuar a partir do feminismo interseccional. Ferreira (2015) percebeu uma apropriação do discurso acadêmico por parte dessas feministas, e que também é encontrado no Tumblr. A partir desses dados, pode-se dizer que o feminismo visto através do modelo interseccional tem sido um dos mais aceitos e disseminados em rede.

As demais categorias que se destacaram foram *misoginia* e *cultura de estupro*, em terceiro e quarto lugar, que também se relacionam com as categorias *objetificação* e *consentimento*, que ficaram respectivamente em oitavo e 15º lugar. Os temas relacionados a estupro e consentimento tem tido bastante visibilidade nas redes sociais desde a eclosão da Marcha das Vadias, que ocorreu em vários países do mundo, levando da rede para as ruas e vice-versa um discurso contra a cultura do estupro e de culpabilização da vítima.

A marcha é um marco importante na história do ativismo em rede, por ter começado a partir de um caso em uma universidade de Toronto, no Canadá, quando durante uma palestra foi dito que “mulheres não seriam estupradas se não se vestissem como vadias”. O caso gerou revolta dentro da faculdade, resultando em uma marcha local, que logo se expandiu a nível global a partir das redes sociais, trazendo o debate sobre a cultura do estupro aos holofotes. A partir das divulgações feitas para a marcha e de sua consequente repercussão várias jovens passaram a ter contato com o discurso feminista.

Desde então cultura do estupro tem sido um tema bastante popular nos ambientes feministas em rede e não é diferente no Tumblr. Suas principais discussões dizem respeito a como a mídia objetifica o corpo feminino tendo em vista apenas o prazer masculino, incentivando que os homens invistam sexualmente em mulheres mesmo contra sua vontade, levando-os a estuprá-las. Porém, quando o estupro ocorre, ao invés da culpa recair sobre o estuprador, ela é sempre lançada para cima da vítima, através de discursos que a culpabilizam por ter bebido, pela roupa que usava, por estar na rua até tarde e assim por diante.



Dentre as publicações no Tumblr sobre o tema encontramos um texto destaca dados sobre uma pesquisa realizada com estudantes de uma universidade americana:

Quase um terço dos homens (31,7%) disseram que em uma situação livre de consequências, eles forçariam uma mulher a fazer sexo, enquanto 13,6% disseram que estuprariam uma mulher. [...] No fim das contas os dois grupos estão dizendo a mesma coisa. Então como aqueles que defenderam o estupro diferem dos que “apenas” forçariam uma mulher a fazer sexo? [...] Em outras palavras, nem todos os estupradores em potencial saem por aí dizendo o quanto odeiam mulheres, e isso sugere que não existe um jeito ideal para prevenir o abuso sexual (EDWARDS; BRADSHAW; HINSZ, 2014)

O relato dessa publicação demonstra o quão naturalizada é a ideia de que um homem tem o direito de acesso ao corpo de uma mulher, vindo a forçar suas parceiras a ter relações sexuais contra suas vontades. Essa ideia está extremamente ligada à questão do consentimento, que também foi uma das categorias que se sobressaíram, como no exemplo de uma imagem que mostra uma frase associada à celebridade americana Amber Rose, cuja tradução é: “Se eu estou deitada com um homem - completamente nu - com a camisinha já colocada, e eu digo, ‘Quer saber? Não. Eu não quero fazer isso. Mudei de ideia’, isso quer dizer não. Isso quer dizer a p**ra de um não. E é isso”.

Esse exemplo é bastante importante para que as mulheres entendam que elas não precisam fazer sexo com seus parceiros se não quiserem e isso não é um problema. Muitas se sentem na obrigação de agradar seus parceiros sexualmente, tanto por pressão da parte deles, quanto pressão social, e acabam sendo abusadas cotidianamente, muitas vezes sem terem consciência disso. Portanto, a utilização de exemplos de mulheres famosas e admiradas reproduzindo esse discurso que o feminismo defende se faz importante para o alcance de mulheres jovens cuja vida sexual está apenas começando.

Ter um exemplo na mídia parece ser muito importante para o público do Tumblr, o que se reflete no fato da categoria *representatividade* também ter se sobressaído, sendo o quinto assunto mais frequente nas publicações. A representatividade, segundo as publicações analisadas, está ligada à presença maior de minorias na mídia, e também que essas minorias quando representadas fujam de estereótipos. Um exemplo da importância da

representatividade de acordo com o que foi observado pode ser visto no texto retirado do Twitter e compartilhado no Tumblr, cuja tradução é:



Minha sobrinha de 12 anos me disse hoje que estava triste porque ela não é bonita por não ter a pele clara. Eu a perguntei se já tinha visto Lupita e o quão linda ela era, e as suas sobrancelhas franzidas imediatamente se transformaram em um grande sorriso.
#OPoderdaRepresentação

A mulher citada no relato é a Lupita Nyong'o, atriz mexicana que obteve grande visibilidade na mídia ao ganhar o Oscar de melhor atriz coadjuvante pelo filme *12 Anos de Escravidão*. Notou-se, inclusive, durante a observação, que existe um grande número de imagens da atriz sendo compartilhadas no Tumblr por ter se tornado um ícone de beleza negra. O fato de sua figura ser tão popular nas redes sociais demonstra como é importante para as mulheres negras se verem representadas e valorizadas na mídia.

O conceito atual de representatividade já era discutido no campo das teorias feministas através da ideia de representação que se divide em três grandes planos, sendo eles:

[...] (1) representação social, que remete à representação do próprio feminismo enquanto movimento social e político; (2) representação política, que compreende as discussões acerca da identidade entre o sujeito que representa e os interesses das pessoas representadas, bem como o complexo modelo de representação que busca tornar presente aquilo que está ausente; (3) representação estética, que abrange as discussões da representação no campo da arte (RABENHORST & CAMARGO, 2013, p. 986)

O conceito de representatividade utilizado hoje nas redes é fruto da discussão da representação no plano da estética, que também é política, uma vez que, “aqueles que têm o poder de representar e descrever os outros claramente controlam como esses outros serão vistos. O poder de representação como uma ferramenta ideológica tradicionalmente faz dele um espaço disputado” (BAHRI, 2013, p. 666). A partir disso, discute-se hoje nas redes sociais como a representação de si na mídia importa, uma vez que se

enxergar apenas através de estereótipos de gênero, raça e sexualidade interfere na construção das identidades.



Apesar das discussões serem similares entre os perfis intitulados feministas nas mais diversas redes sociais, o público do Tumblr faz parte de um grupo social mais específico, uma vez que a imensa maioria das publicações é em inglês, pressupondo assim, que seus membros tenham conhecimento da língua. Mesmo em perfis cujos títulos são em português ou espanhol, presumindo então que essas seriam suas línguas maternas, a maioria das publicações continua sendo em inglês, o que permite também um alcance mais global das discussões.

Foi observado que dificilmente um membro do Tumblr expõe sua nacionalidade, sendo suas preocupações quase sempre expostas de forma geral ou global, com notícias ou relatos de pessoas do mundo todo. Além de demonstrar um pensamento mais global, o conteúdo compartilhado no Tumblr demonstra uma preocupação com questões sociais para além de questões de gênero, atravessando as áreas de raça, classe, sexualidade, religião, imigração, dentre outras. Isso vai de encontro ao que muitos adultos pensam sobre jovens internautas, enxergando-os apenas como uma geração que vive em uma bolha, trancados em seus quartos, interagindo com máquinas. Pelo contrário, eles interagem com pessoas de várias partes do mundo e tem se educado em relação aos mais diversos temas sociais, desenvolvendo senso crítico e vontade de mudar o mundo a sua volta.

É importante ressaltar que o Tumblr é uma rede constituída majoritariamente por jovens e adolescentes. Também se percebe um engajamento cada vez mais precoce para com questões sociais. Em matéria da Folha de S. Paulo, publicada em novembro de 2015, fala-se sobre o crescimento de coletivos feministas em escolas (COLLUCCI e GRAGNANI, 2015). Segundo a matéria, meninas a partir de 14 anos têm se organizado em coletivos influenciadas pelas redes sociais. Esse fenômeno pode explicar algumas das limitações nos discursos e no entendimento sobre feminismo de algumas delas, já que estão tendo seu primeiro contato com o movimento e ainda não possuem muita experiência na militância. Mas ao mesmo tempo, é importante ter esse contato para que ele mude a perspectiva de vida dessas jovens mulheres desde cedo e as influencie a traçar um caminho para se tornarem mais independentes e livres no futuro.

ALGUMAS CONCLUSÕES

As discussões aqui apresentados permitem um conjunto de conclusões das quais queremos destacar três.

A partir da análise das publicações percebemos que há uma apropriação de discussões teóricas acadêmicas por parte do campo feminista de adolescentes e jovens no Tmblr. Esse é o caso da interseccionalidade, que inicialmente se tratava de uma categoria para analisar as diversas instâncias das diferentes opressões e foi apropriado resultando na criação de um chamado “feminismo interseccional”, passando a ser mais do que uma categoria, mas parte da identidade de um tipo de feminista. Isso mostra como a internet tem de certa forma democratizado o acesso a informação, fazendo com que discussões que antes eram estritamente acadêmicas venham a fazer parte do vocabulário das pessoas conectadas em rede.

Percebemos também uma aproximação entre pessoas de várias partes do mundo a partir das redes. Todos compartilham pautas comuns ao seu país, estado ou cidade, ao mesmo tempo que compartilham problemas vivenciados do outro lado do mundo, demonstrando sensibilidade com o sofrimento do outro ao mesmo tempo que ajudam a dar visibilidade a diversas causas. Assim sendo, existe uma comunidade global na internet que extrapola fronteiras nacionais e expande os horizontes das pessoas conectadas.

Por fim, todo esse movimento gera pedagogias, a partir do momento em que as pessoas conectadas criam uma cultura da colaboração e do compartilhamento, tornando visíveis temas antes ocultos. As redes sociais, e o Tumblr em particular, têm sido espaços educativos em que aprendemos e ensinamos, gerando um fluxo global de solidariedade e conscientização em relação às mais diversas causas sociais.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **cadernos pagu**. Campinas, v. 43, p. 13-56, 2014.

BAHRI, Deepika. Feminismo e/no pós-colonialismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 659-688, 2013.

CAMOZZATO, V.; COSTA, M. Vontade de pedagogia. Pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, RS, n. 44, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/2737/2489>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

CHANG, Yi; TANG Lei; INAGAKI, Yoshiyuki; LIU, Yan. What is Tumblr: A Statistical Overview and Comparison. **SIGKDD Explorations**, v. 16, n. 1, 2014. Disponível em: <http://yichang-cs.com/yahoo/KDDExp14_Tumblr.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. 2 ed. New York: Routledge, 2000.

COLLUCCI, Cláudia; GRAGNANI, Juliana. Meninas formam coletivos feministas em escolas de ensino médio de SP. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 1 nov. 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/11/1701071-meninas-formam-coletivos-feministasfarganis-em-escolas-de-ensino-medio-de-sp.shtml?cmpid=fb-uolnot>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **The University of Chicago Legal Forum**, p. 139-167, 1989.

COUTO, Edvaldo Souza. Educação e redes sociais digitais: privacidade, intimidade inventada e incitação à visibilidade. **Em Aberto**, Brasília, v. 28, n. 94, jul./dez. 2015, p. 51-61. Disponível em <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1668>. Acesso em 12 jul. 2018.

EDWARDS, S; BRADSHAW, K; HINSZ, V. Denying Rape but Endorsing Forceful Intercourse: Exploring Differences Among Responders. **Violence and Gender**, vol 1, n. 04, dez de 2014. Disponível em <https://www.liebertpub.com/doi/pdf/10.1089/vio.2014.0022>. Acesso em 12 mai 2017.

FERREIRA, Carolina. Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. **cadernos pagu**, Campinas, v. 44, p. 199-228, 2015.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HILLMAN, Serena; PROCYK, Jason; NEUSTAEDTER, Carman. Tumblr fandoms, community & culture. **Proceedings of the companion publication of the 17th ACM conference on Computer supported cooperative work & social computing**. Baltimore, p. 285-288, 2014. Disponível em: <<http://clab.iat.sfu.ca/pubs/Hillman-TumblrVideo-CSCW.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

HOOKS, bell. **Feminist theory from margin to center**. Boston: South End Press, 1984.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PRIESTMAN, Christian. **How Tumblr is shaping the next generation of teenagers**. Killscreen, 2016. Disponível em: <<https://killscreen.com/articles/tumblr-shaping-next-generation-teenagers/>>. Acesso em: 1 fev. 2019.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós**. Brasília: v. 9, p. 1-21, 2007.

RABENHORST, Eduardo; CAMARGO, Raquel. (Re)presentar: contribuições das teorias feministas à noção da representação. **Estudos Feministas**, Florianópolis: v. 21, n. 3, p. 981-1000, 2013.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis: v. 9, n.1, p. 9-21, 2001.

SAFRONOVA, Valeriya. Millennials and the Age of Tumblr Activism. **The New York Times**, New York, 19 dez. 2014. Disponível em: http://www.nytimes.com/2014/12/21/style/millennials-and-the-age-of-tumblr-activism.html?_r=0. Acesso em: 23 jan. 2019.

SMITH, Bonnie G. **Women's studies: the basics**. New York: Routledge, 2013.

ZAGO, Gabriela da Silva. Dos Blogs aos Microblogs: Aspectos Históricos, Formatos e Características. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói, RJ. **Anais do VI Congresso Nacional de História da Mídia**, 2008. p. 1-15. Disponível em: <http://interin.utp.br/index.php/vol11/article/view/222/157> Acesso em: 22 jan. 2019.

Recebido em: 04/02/2019

Aceito em: 20/03/2019